

M o s t r a d e F i l m e s

Línguas

Identities

08 e 09 de novembro CENTRO INTEGRADO DE CULTURA Sala de Cinema do CIC



O Brasil é um país multilíngue!

De acordo com estudos, o país tem quase três centenas de línguas faladas em seu território. São línguas indígenas (autóctones), de imigração (alóctones), de afro-descendentes, crioulas, de sinais e ainda as variações dialetais da língua oficial do país, a língua portuguesa.

Desde o início do Século XXI, a partir de possibilidades contidas na Constituição Brasileira de 1988 nos artigos 13, 30, 215 e 216, uma série de passos vem sendo dados para transformar a condição de monolinguismo histórico em algo plural e diverso através de duas políticas públicas colocando o país em sintonia com o restante do mundo. De um lado a política de Cooficialização de Línguas que, através de lei municipal, possibilita que outras línguas presentes na região e usadas pela população local sejam reconhecidas como cooficiais no município, facultando a seus falantes reconhecimento e novas possibilidades de uso da sua língua materna. Iniciada em 2002 em São Gabriel da Cachoeira com a cooficialização das línguas Tukano, Baniwa e Nheengatu, essa política inclui hoje 30 municípios de 7 diferentes estados, abarcando as línguas Talian, Pomerano, Hunsrickisch, Alemão, Guarani, Akwê Xerente, Macuxi e Wapichana. A outra política é a do Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL) que através de um conjunto de etapas de pesquisa pode alçar uma língua à condição de referência cultural brasileira por ser falada há mais de três gerações ou há mais de 75 anos. É o caso do talian, uma língua da região do Vêneto, Itália, trazida ao Brasil pelos imigrantes italianos no século XIX e agora presente em centenas de municípios brasileiros no RS, SC, PR, MS e ES. Outra língua com esse título de reconhecimento é a língua guarani mbya, língua original, autóctone ou indígena, que é um símbolo de resistência de um povo que vem sendo oprimido desde a época da chegada dos navegadores portugueses ao Brasil em 1500. Em todos os casos, essa língua materna, língua primeira dessas comunidades, é o veículo para a preservação da cultura e história dessas comunidades formadoras do Brasil. O reconhecimento e a melhora das condições para seu uso corrente nas comunidades é uma das garantias para uma cultura brasileira plural e multilíngue.

As diversas línguas brasileiras, apesar de presente há centenas de anos no Brasil, só

recentemente vêm sendo tematizadas e promovidas, contribuindo para elevar a autoestima de populações relegadas pelo preconceito a uma condição reduzida e também para fazer valer pelo direito constitucional a preservação de sua cultura e marcas identitárias. O IPOL, Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística, fundado em 1999, é um dos principais atores nesse cenário nacional e participa ativamente das frentes de trabalho para o desenvolvimento de políticas linguísticas brasileiras. Foi indutor das ações para as primeiras leis de cooficialização de línguas no alto Amazonas, atuou na linha de frente da proposição para a criação do Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL) e um dos integrantes do Grupo de Trabalho da Diversidade Linguística (GTDL) que concebeu as diretrizes políticas e metodológicas para o desenvolvimento dos inventários de línguas. Realizou um dos projetos piloto para o INDL, o da Língua guarani mbya, concluído em 2014 com a língua reconhecida como Referência Cultural Brasileira. Além disso, é parceiro nos inventários de LIBRAS, hunsrückisch e pomerano.

A necessidade de reunir filmes documentários, ficção e de arte que abordam diretamente ou tangencialmente a questão das línguas e ou das culturas que existem e sobrevivem dentro do território brasileiro, representa mais um passo para a visibilidade necessária da diversidade linguística brasileira, contribuindo assim para a difusão, discussão e reconhecimento da ideia de que sendo plurais, somos mais diversos e isto é uma riqueza inestimável.

A mostra reúne filmes (o audiovisual em ficção, documentário, vídeo-arte) que abordam a questão linguística pelos recortes da cultura e da identidade dos povos para fomentar debates com a plateia, complementar ou estimular a reflexão sobre cenários sociais e promover a discussão da alteridade, diversidade e identidade na América Latina, em especial no âmbito dos países fronteiriços com Brasil.

Peter Lorenzo

Curadoria e Organização do IPOL

Mostra de filmes Línguas e Identidades

Realização IPOL

Apoio da Fundação Catarinense de Cultura e
Secretaria do Estado da Cultura de Santa Catarina

Exibição:

08 de novembro, das 14 às 17hs30

09 de novembro, das 14 às 19hs30

Debate com o público

Dia 08 de novembro – das 14 às 17hs30

Filó, de Maria Odete Meotti de Bairros, Antonio Prado-RS, ficção. 2018, Revelando os brasis. 16 min.



Sinopse: Uma família de imigrantes italianos mantém por várias gerações a tradição de receber amigos, parentes e vizinhos em sua casa para o Filó. Juntos, em torno da mesa farta, comemoram a vida e mantêm as tradições de seus antepassados.

“Logo após anoitecer, ouvia-se um canto em Italiano, e no meio do mato apareciam pessoas carregando tição ou ferral para espantar os animais e iluminar o caminho. As vozes felizes eram ouvidas por outras famílias que rapidamente se juntavam aos caminhantes. Todos seguiam cantando felizes até chegar na casa ou salão de igreja onde todos se reuniam”

Land schaffen, de Clarissa Beckert e Pedro Henrique Risse. Verte Filmes. RS. 25,30 min





Sinopse: A rotina de trabalho na terra dita o ritmo em que se tecem histórias de vida, se constroem identidades e se cultivam sonhos. Nas conversas do cotidiano, o dialeto alemão Hunsrückisch desenha a paisagem de famílias brasileiras, entre vales e morros do Rio Grande do Sul.

VIVER NO BRASIL FALANDO HUNSRUCKISCH, de Alice Soares, Ana Winckelmann e Gabriel Schmi, Rio Grande do Sul, 2018. 40 min



O documentário mostra a relação de falantes de Hunsrückisch de diferentes lugares do Brasil com a sua língua. Separados às vezes por milhares de quilômetros, as opiniões e sentimentos se entrelaçam. A língua Hunsrückisch teve sua matriz de origem principalmente na região do Hunsrück, na Alemanha, e após quase dois séculos da imigração ainda hoje é falada por cerca de 1 milhão de brasileiros. Foram selecionados trechos de entrevistas feitas no Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Espírito Santo, abordando temas como as diferentes denominações e a grande variação interna da língua.

O LIVRO DE WALACHAI, de Rejane Zilles, 2006. 16 min



Sinopse: Numa comunidade rural de origem alemã, no interior do RGS, vive o agricultor João Benno Wendling - que foi o professor deste povoado, onde só se falava alemão. Nos últimos nove anos, ele escreveu um livro sobre a história do Walachai. Tudo começou quando o professor Benno, conhecido por ensinar português aos filhos dos alemães imigrantes, decidiu percorrer a vizinhança para ouvir histórias dos conterrâneos, juntando fotos, documentos e recortes antigos. Ele escreveu a mão a história de seu povoado, num antigo caderno de capa dura e folhas pautadas.

WALACHAI, de Rejane Zilles. Rio grande do SUL, Okna Filmes. 85 min.



Sinopse: Walachai, em alemão antigo, significa lugar longínquo, perdido no tempo. Outros povoados de nomes singulares como Jamerthal, Batatenthal, Padre Eterno e Frankenthal, são comunidades rurais de origem alemã no Sul do Brasil, que têm uma dinâmica própria e ainda vivem distantes do mundo globalizado. Muitos de seus habitantes nunca aprenderam a falar português, comunicam-se num dialeto alemão transmitido pelas gerações de descendentes e, no entanto, nada sabem de sua Alemanha de origem. São todos brasileiros e se identificam como tal. *Walachai* não é apenas um filme sobre uma comunidade alemã. É antes de tudo sobre o inusitado e raro que habita este lugar. Conecta o público do Brasil urbano contemporâneo a uma forma diferente de viver, revelando um pedaço do país ainda desconhecido.

Dia 09 de novembro – das 14 às 19hs30

DE TEMPOS EM TEMPOS, de Ana Johan, Revelando os brasis, 2010.

22 min



Sinopse: De tempos em tempos a identidade vai alterando. As pessoas vão modificando os espaços e os espaços vão as codificando. O cenário é Cruz Machado, Paraná em uma colônia de poloneses. Por ruas estreitas a narradora vai conduzindo o espectador e parando em cada casa para espiar as suas vidas. Alexandra Pua e seu tear, Henrique e a carroça, Emilia e o pirogue, Dunha e sua bodega, o caboclo João Niaia, o Cemitério Pátio Velho, as vizinhas Joana e Milka que conversam em polonês. Entre uma parada e outra, aparecem Wanda, Leonardo e João relembrando os velhos tempos e filosofando sobre a vida atual.

GUARANI, POVO DA MATA E DA UNIVERSIDADE, de Márcia Paraíso, Santa Catarina.

Plural Filmes. 15 min.



Sinopse: Karay Tataendy é cacique na aldeia Mymba roká e aluno do curso de Licenciatura Intercultural na Universidade Federal de Santa Catarina. O curso se propõe a formar professores indígenas capacitados a compreender questões relacionadas à territorialidade e ao Bioma Mata Atlântica, sem contudo minimizar a importância da manutenção das tradições e da língua indígena – fator essencial na resistência cultural do povo Guarani.

SEM PALAVRAS, de Kátia Klock, documentário. Contraponto filmes. 53 min



Os 52 minutos de "Sem Palavras" tratam do sofrimento de imigrantes e seus filhos durante a proibição do uso de sua língua na terra em que vieram morar. A história é reconstruída sob o ponto de vista da memória de pessoas que viveram esse período de medo e repressão ainda na infância e na juventude. Gente que viu seus pais, avós, tios e tias serem presos ou ameaçados pela ordem vigente. Crianças que sofreram com o preconceito nas escolas, nas ruas de suas cidades e que tiveram de aprender a falar português para fazer o que os mais velhos não podiam mais, como ir as compras no comércio local. Explica a documentarista Kátia Klock, “em que os imigrantes alemães e seus descendentes foram proibidos de falar o idioma em território brasileiro.”

VOZES DO MEU VALE, de Darlan Serafini, documentário. Prime Filmes. 2017. 25 min.



“Vozes do Meu Vale” apresenta alguns dos idiomas e dialetos falados desde antes da chegada dos exploradores portugueses ao Brasil, em 1500, e a partir da colonização oficial do Vale do Itajaí, em meados de 1800. Resultado de três anos de trabalho, “Vozes do Meu Vale” reúne entrevistados que falam português, guarani, italiano, pomerano, badense, tirolês, bergamasco e platt. As filmagens foram realizadas em Biguaçu, Botuverá, Brusque, Camboriú, Florianópolis, Guabiruba, Indaial, Pomerode e Rio dos

Cedros. Os depoimentos foram gravados na língua de origem dos entrevistados. O documentário tem por objetivo divulgar os vários idiomas e dialetos trazidos pelos colonizadores do Vale do Itajaí em Santa Catarina, no século XIX. Muitos desses dialetos ainda estão presentes na cultura do Sul do Brasil.

ARTES DA MEMÓRIA, de Daniel Choma. 2018. Câmara Clara. 29 min.



Sinopse: O que é memória para você? Eis o enigma proposto a historiadoras, rendeiras, pescadores, antropólogos e artistas. A partir de lembranças provocadas por imagens, aromas, sabores e paisagens sonoras, vôos e mergulhos sobre os sentidos da memória e a memória dos sentidos.

Parte-se das experiências de vida - memórias, narrativas e artes do fazer – para sua articulação com o universo imagético – a fotografia e o vídeo. A fotografia enquanto recurso ativador da memória, revelador de imaginários, fragmentos e vestígios de um real visível para sempre desaparecido; o vídeo enquanto ferramenta de registro das narrativas de memória, expressas na voz, no corpo e no gesto dos entrevistados. Assim como o presente está em movimento constante, as lembranças, as construções sobre o passado, também se alteram, se refazem.

BRASIL TALIAN, de André Constantin. Documentário, Transe Filmes. 2008. 45 min



Documentário sobre a língua Talian, nos contextos da diversidade linguística do Brasil e das relações de imigração) é inspirado no inventário realizado entre 2009 e 2010 pelo

Instituto Vêneto do Rio Grande do Sul e pela Universidade de Caxias do Sul (UCS). O Talian é a primeira língua de imigração a ser reconhecida como patrimônio cultural brasileiro. Foi produzido entre 2011 e 2014, e tem depoimentos de mais de 20 pessoas com gravações realizadas em Caxias do Sul, Flores da Cunha, Nova Pádua e Antônio Prado, além de colônias de imigrantes no Estado do Espírito Santo (Venda Nova do Imigrante e Santa Tereza) e em cidades da Itália (Veneza, Trento, Genova e Vicenza).

RECEITAS DA MEMORIA, de Peter Lorenzo, IPOL / IPHAN. 51 minutos



Sinopse: O documentário Receitas da Memória foi realizado na região do Vale Médio do Itajaí entrevistando falantes das comunidades alemã, italiana e polonesa e aborda o uso das línguas de imigração e a manutenção das memórias através de um viés que busca lembranças nas receitas familiares.

A realização partiu da percepção de que as línguas de imigração desta região do Médio Vale do Itajaí vão se perdendo no século XXI e, a exemplo de inúmeras outras situações pelo mundo, esta perda pode ser irreversível, seja por acomodação ou dominação, abandono, ou pelo afastamento de sua memória. Quais as receitas da memória?

O QUE RESTA DA IMAGEM, de Rafael Wolfgramm. Documentário - Laranja da Terra – ES. 15,36min



Projeto realizado através do Projeto Revelando os Brasis.

Entre os anos de 1930 e 1960, um fotógrafo fez os primeiros registros da vida dos pomeranos no interior do Espírito Santo. Suas imagens ainda ecoam nas lembranças dos moradores de uma vila, que contam suas histórias a partir desses registros. Nesse documentário, imagem é memória.

“Esse espírito sonhador fez com que Francisco deixasse de ser voltado unicamente para a agricultura, principal fonte de renda na época, e passasse a buscar dentro de seu meio rural outras opções de renda, muito mais diversas do que as pensadas na época. Seu tempo era dividido entre as atividades no laboratório fotográfico pela manhã, e, à tarde, voltava-se para a produção de móveis e também à agricultura. Durante os finais de semana, viajava pelos interiores da região para exercer suas atividades de fotógrafo, em casamentos ou até velórios.”

A GUERREIRA GAVIÃO, de Robson Messias Lucas. Ficção - Bom Jesus do Tocantins – PA. 17 min



Projeto realizado através do Projeto Revelando os Brasis.

Como de costumes dos índios Gavião, os homens saem para caçar e as mulheres vão buscar lenha para fazer a comida. Aproximadamente umas oito índias resolveram buscar lenha pelas redondezas da aldeia, que fica próxima a BR 222. Uma dessa índia estava já em dias de dar a luz, e, já meio cansada da caminhada, ficava cada vez mais para trás do grupo. Anos mais tarde, após sonhos que se repetem, uma jovem decide buscar a verdade sobre o seu passado.

FALA, POMERANO, FALA, de Walter José Nunes. Espírito Santo. Documentário. 45 min



Sinopse:

Os personagens deste documentário narram suas experiências enquanto falantes da língua pomerana, língua de imigração trazida para o Brasil pelos seus ancestrais desde meados do século XIX. Narram suas relações e modos de resistir e lutar, no presente e no passado, frente a língua majoritária – o português – e assim constroem e reconstróem suas memórias, histórias e identidades, reivindicando o reconhecimento e a preservação da sua língua materna, sua cultura e, como todo brasileiro e brasileira que são, acesso aos direitos sociais!



Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística

Rua Lauro Linhares, 2123 - Torre A - Sala 713 - Trindade - 88036-003 Florianópolis/SC -
Brasil

Fone/Fax: 55 48 3234 8056 | Celular: 48 9916 1524 | e-mail:

ipol.coordenacao@gmail.com